

Ser um idoso com o tipo 2 da doença metabólica aumenta em 2,5 vezes o risco de morrer em função da covid-19 sete dias após a internação. Ter a doença renal diabética, em 2,74. Perfis são traçados por cientistas britânicos após análise de mais de mil pacientes

Quando o diabetes é forte fator de risco

Miquel Schincariol/AFP - 26/3/21

» PALOMA OLIVETO

Desde o início da pandemia da covid-19, uma condição mostrou-se fator de risco para o agravamento da infecção, levando a quadros severos: o diabetes. Porém nem todos os pacientes do distúrbio metabólico sofrem da forma grave da doença, o que intriga a comunidade médica. Agora, pesquisadores da NHS Fundação Trust do condado de Chester, no Reino Unido, acreditam ter encontrado a resposta. Na reunião anual da Associação Europeia para o Estudo da Diabetes (Easd), evento que acontece on-line neste ano, eles apresentaram características que diferenciam quem está sob maior risco ao ser infectado pelo Sars-CoV-2.

Diabetes 2, em vez de 1, idade avançada e proteína C reativa elevada (PCR, um marcador de infecção) foram associados a um risco maior de morte em pacientes com a doença metabólica. Além disso, pessoas com doença renal crônica, mesmo aquelas mais jovens — uma complicação comum do diabetes em longo prazo —, também aumentam a letalidade nos casos da infecção. O índice de massa corporal (IMC), contudo, não teve relação com a sobrevivência.

De acordo com os autores, a pesquisa teve como objetivo desenvolver um modelo para ajudar médicos a prever quais pacientes correm mais risco de morte e, assim, fornecer os cuidados mais adequados para evitar o óbito. “Para nos ajudar no tratamento visando a sobrevida dos pacientes com diabetes, precisamos explorar mais o que os coloca em risco para resultados piores. Esse estudo permitirá que outros pesquisadores e médicos descubram como podemos intervir melhor, permitindo-nos fornecer o tratamento mais adequado”, explica Daniel Kevin Llanera, que conduziu a investigação com Rebekah Wilmington.

O estudo, chamado Accredit, procurou associações entre uma série de características clínicas e bioquímicas e risco de morte sete dias após a admissão hospitalar em pacientes com diabetes infectados pelo Sars-CoV-2. Os 1.004 participantes, atendidos em sete hospitais da Inglaterra, tinham uma idade média de 74,1 anos. A maioria (60,7%) era do sexo masculino e 45% viviam em áreas classificadas como as menos favorecidas econômica-



Para os cientistas, ao constatar essas complicações assim que o paciente é hospitalizado, pode-se dar início a terapias mais agressivas

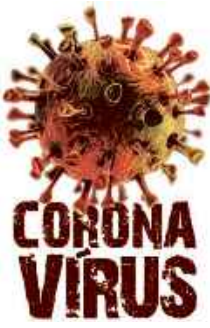
mente do Reino Unido, com base no Índice de Privação Múltipla do governo.

O IMC médio foi de 27,6, e 56,2% dos participantes tiveram complicações macrovasculares de diabetes, como ataque cardíaco ou acidente vascular cerebral, enquanto 49,6% sofreram problemas microvasculares, como neuropatia ou retinopatia.

Dos voluntários, 7,5% foram internados em terapia intensiva (UTI) e 24% morreram dentro de sete dias de hospitalização. Maiores privações socioeconômica e idade mais avançada podem ajudar a explicar por que a mortalidade em sete dias foi mais elevada do que em outros estudos que investigaram risco de óbito em pessoas com diabetes, segundo Llanera. Mas o pesquisador destaca que são necessárias mais pesquisas para confirmação.

Pró-inflamação

Aproximadamente um em cada 10 pacientes (9,8%) precisou receber injeções de insulina durante o tratamen-



to. A análise também mostrou que aqueles com diabetes tipo 2 tinham 2,5 vezes mais probabilidade de morrer em sete dias de internação do que aqueles com outros tipos da doença. “Isso pode ser porque o diabetes tipo 2 geralmente ocorre em pessoas mais velhas e pode ser acompanhado por outras condições de saúde de longa data, colocando esses pacientes em risco maior de resultados piores”, afirma Wilmington.

O risco de morte também foi maior entre os pacientes com menos de 70 anos diagnosticados previamente com doença renal crônica. Eles apresentaram 2,74 vezes mais probabilidade de morrer do que pessoas da mesma faixa, mas sem a condição que afeta os rins. “De acordo com vários estudos, os pacientes com doença renal diabética têm um estado pró-inflamatório crônico e desregulação imunológica, tornando difícil lutar contra o vírus, em comparação com alguém que tem um sistema imunológico funcionando corretamente”, aponta Llanera, atualmente pesqui-

sador do Imperial College London.

Outro complicador é que os receptores ACE2 são regulados positivamente nos rins de pacientes com doença renal diabética, relata o cientista. “Essas são moléculas que facilitam a entrada de Sars-CoV-2 nas células. Isso pode levar a um ataque direto dos rins pelo vírus, possivelmente ocasionando resultados gerais piores”, explica Llanera. A combinação de idade avançada e PCR alto foi associada a um risco 3,44 maior de morte no sétimo dia. Os autores do estudo afirmam que o marcador se correlaciona com alto grau de inflamação, o que pode eventualmente levar à falência de órgãos.

Os dados serviram para criar um modelo que, se aplicado a um paciente com características demográficas semelhantes, pode prever um maior risco de morte em sete dias usando apenas a idade e a PCR como variáveis. “Ambas as variáveis estão facilmente disponíveis durante a admissão ao hospital. Isso significa que podemos, no início da internação hospitalar, identificar facilmente os pacientes que, provavelmente, precisarão de intervenções mais agressivas para tentar melhorar a sobrevida.”

Sanofi desiste de vacina de RNA

No mesmo dia em que divulgou resultados preliminares bem-sucedidos de sua vacina para a covid-19 baseada em RNA mensageiro (mRNA), a francesa Sanofi anunciou que não prosseguirá com o desenvolvimento do imunizante. Como já há no mercado os produtos da mesma plataforma (a da Moderna e a da Pfizer/BioNTech), a companhia decidiu se concentrar, em parceria com a GSK, na conclusão do desenvolvimento de uma vacina recombinante.

Os esforços para se chegar ao imunizante de base genético, porém, não serão em vão, diz um comunicado. A plataforma será utilizada para outras doenças infecciosas, incluindo a gripe. “Com base em seus resultados positivos, a empresa concentrará seus recursos de mRNA em seu Centro de Excelência de mRNA recém-criado para tratar de futuras pandemias e outras doenças infecciosas e terapêuticas onde houver uma forte necessidade não atendida”, informou a Sanofi.

Os resultados provisórios de um estudo de fase 1/2 da vacina mostraram produção de anticorpos neutralizantes em 91% a 100% dos participantes do estudo duas semanas após uma segunda injeção, em todas as três dosagens testadas. Nenhum efeito adverso grave foi observado, e o perfil de tolerabilidade é comparável ao de outras vacinas de mRNA para covid-19.

“Esses resultados ajudarão claramente a informar o caminho a seguir para nossos programas de desenvolvimento de mRNA. Hoje, temos uma plataforma promissora, que estamos levando para o próximo nível de desenvolvimento, incluindo a mudança para o mRNA modificado e contra outras doenças, incluindo a gripe”, disse, na nota, Jean-François Toussaint, chefe Global de Pesquisa e Desenvolvimento da Sanofi Pasteur.

A Sanofi pretende dar início a estudos clínicos em 2022 de uma vacina contra influenza com mRNA modificado. Os estudos de fase 1 começaram em junho passado. O ensaio avaliará uma candidata monovalente contra a gripe que codifica a proteína hemaglutinina da cepa A/H3N2 do vírus influenza em duas formulações, com diferentes nanopartículas lipídicas. (PO)

GRAVIDEZ

Poluição do ar é associada a 6 milhões de partos prematuros

A poluição do ar provavelmente contribuiu para quase 6 milhões de nascimentos prematuros e quase 3 milhões de bebês com baixo peso em 2019, de acordo com um estudo de meta-análise de carga global das universidades da Califórnia em San Francisco e de Washington, ambas nos EUA. A análise, publicada na revista *Plos Medicine*, é a mais aprofundada de como os poluentes na atmosfera afetam vários indicadores-chave da gravidez, incluindo idade gestacional no nascimento, redução do peso ao nascer, baixo peso ao nascer e nascimento prematuro. Também é o primeiro estudo global sobre a carga de doenças desses indicadores a incluir as consequências à saúde da poluição do ar interno, principalmente dos fogões, que responderam por dois terços dos efeitos medidos.

Um crescente corpo de evidências aponta para a poluição do ar como uma das principais causas de nascimentos prematuros e baixo peso ao nascer. Essa é a principal causa de mortalidade neonatal em todo o mundo, afetando mais de 15 milhões de crianças todos os anos. Recém-nascidos abaixo do peso ideal ou que nascem antes do previsto tam-

bém apresentam taxas mais altas de doenças graves ao longo da vida.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) estima que mais de 90% da população mundial vive com o ar externo poluído, e metade da população global também está exposta à poluição do ar interno pela queima de carvão, esterco e madeira dentro de casa. “A carga atribuível à poluição do ar é enorme, mas, com esforço suficiente, ela poderia ser amplamente mitigada”, disse o autor principal, Rakesh Ghosh, especialista em prevenção e saúde pública do Instituto de Ciências da Saúde Global da UCSE.

Dos EUA à África

A análise foi conduzida por pesquisadores do Instituto para Avaliação e Métricas de Saúde (IHME) da Universidade de Washington. Os pesquisadores quantificaram os riscos do nascimento prematuro e do baixo peso ao nascer com base na exposição total à poluição interna e à externa. O estudo concluiu que a incidência global dos dois problemas poderia ser reduzida em quase 78% se a poluição do ar fosse minimizada no sudeste da Ásia e na África Subsaariana,

Ricardo Moraes/Reuters - 19/5/14



Reduzir poluentes internos, como emitidos por fogões, reduziria em 78% o problema

onde o ar poluído interno é comum e as taxas de nascimentos prematuros são as mais altas do mundo.

O estudo também encontrou riscos significativos de poluição do ar ambiente em partes mais desenvolvidas do mundo. Nos Estados Unidos, por exemplo, estima-se que a poluição externa tenha contribuído para quase 12 mil nascimentos prematuros em 2019. Anteriormente, a mesma equipe de pesquisa quantificou os efeitos da poluição do ar na mortalidade precoce, concluindo

que o problema contribuiu para a morte de 500 mil recém-nascidos em 2019.

“Com essa nova evidência global gerada de forma mais rigorosa, agora, a poluição do ar deve ser considerada o principal fator de morbidade e mortalidade infantil, e não apenas de doenças crônicas em adultos”, disse Ghosh. “Nosso estudo sugere que tomar medidas para mitigar as mudanças climáticas e reduzir os níveis de poluição do ar terá um co-benefício significativo para a saúde dos recém-nascidos.”

» Estratégia global contra a meningite

A Organização Mundial da Saúde (OMS) divulgou, ontem, a primeira estratégia mundial contra a meningite, com o objetivo de eliminar até 2030 as epidemias da forma bacteriana da doença, responsáveis pela morte de cerca de 250 mil pessoas a cada ano no mundo. A meningite é uma inflamação perigosa das membranas que circundam o cérebro e a medula espinhal, causada, principalmente, por uma infecção bacteriana ou viral. “É hora de acabar com a meningite em todo mundo. Para isso, é urgente ampliar o acesso aos instrumentos existentes, em particular as vacinas, realizar novas pesquisas e inovações para prevenir, detectar e tratar as diferentes causas da doença, e melhorar os serviços de reabilitação”, afirmou o diretor-geral da OMS, Tedros Adhanom Ghebreyesus, em um comunicado.